

VOZES \ TRAGÉDIA¹

Gilson Motta

(Artista-pesquisador, professor da UFRJ, mottagilson@hotmail.com)

Re: Cavalo Louco - Ói Nós Aqui Traveiz

Em 6 de janeiro de

2014, <mottagilson@hotmail.com> escreveu:

Oi, Marta! Bom ter notícias de vocês. Eu estava preocupado, pois achava que este artigo já era para ter sido entregue no fim de novembro! mas, que bom que terei um prazo maior. Para mim está tranquilo e vai ser uma honra poder publicar na Cavalo Louco. Então, desejo para ti e para todos da Tribo um feliz ano de 2014! Muito sucesso, felicidades, realizações e patrocínios! beijos

From: martitahaas@gmail.com

Date: Sun, 5 Jan 2014

Subject: Cavalo Louco - Ói Nós Aqui Traveiz

To: mottagilson@hotmail.com

Olá Gilson! Tudo bem contigo? Desejo um ano novo cheio de coisas boas, realizações, saúde... Escrevo para perguntar se queres colaborar com um artigo na próxima edição da nossa revista Cavalo Louco. A proposta é que tu escrevas um texto a partir da tua palestra no nosso seminário e de tuas impressões sobre Medeia Vozes. O texto pode ter entre 10 mil caracteres e a data limite para entrega é final de fevereiro. aguardo retorno sobre a possibilidade de tu escreveres para o próximo número. Abraço, Marta

Esta foi a minha última correspondência com Marta Haas, da Terreira, antes de escrever este texto. A ideia de escrever sobre a palestra que proferi me desagradava, pois seria repetir o que venho fazendo desde que iniciei a pesquisa que originou o livro *O espaço da tragédia*. Meu primeiro contato com o Ói Nós se deu quando eu desenvolvia esta pesquisa sobre a encenação de tragédias

¹ Este texto foi publicado na Revista CAVALO LOUCO, Revista de teatro da Tribo de Atuadores ÓI NÓS AQUI TRAVEIZ, Ano 9, Número 14, Julho de 2014. Porto Alegre.

gregas na cena contemporânea brasileira. Até então, eu possuía um conhecimento superficial do trabalho do Oi Nóis mas, ao receber o material da pesquisa, achei formidável a proposta estética e política do grupo. Assim, quando recebi o convite para participar do *Seminário Tragédia Grega e a Cena Contemporânea* e assistir ao espetáculo *MEDEA VOZES*, me entusiasmei com a ideia de verificar se algumas questões expostas no livro repercutiam neste espetáculo, sobretudo por saber que o texto\espetáculo fazia uma desconstrução do mito de Medeia. Como o trágico se manifestava nesta estrutura? Além disso, eu me perguntava se o espetáculo dialogava com a realidade social e política brasileira contemporânea.

<http://teatrojornal.com.br/2013/10/o-tempo-de-medeia-e-hoje/>

O tempo de Medeia é hoje, por Fábio Prikladnicki

Baseada no romance homônimo de 1996 da escritora alemã Christa Wolf, Medeia vozes é uma releitura revolucionária da tragédia de Eurípides. Nesta versão, a personagem – brilhantemente vivida por Tânia Farias – não comete assassinatos. A feiticeira movida pelo ciúme ou pela honra retratada pelo tragediógrafo grego dá lugar a uma ativista em busca de justiça social. Ao tentar desenterrar os esqueletos que fundam o reino de Corinto, é perseguida pelo poder instituído. Não é uma peça sobre como o poder patriarcal acabou com a vida de uma mulher. É sobre como esse poder acabou com uma ideia de civilização.

O prazo para a entrega do texto era no final de fevereiro. Mas este tempo da escrita sobre uma tragédia foi invadido por mais uma manifestação que culminou com a morte do cinegrafista Santiago Andrade. Esse fato parecia conter uma dimensão trágica, não pela morte em si, mas pelo conjunto dos acontecimentos que me faziam pensar em temas presentes na reflexão sobre a tragédia, tais como, inocência e culpa, ordem e desordem, medida e desmedida. A crescente repressão contra os movimentos sociais e o aumento da violência durante as manifestações me fazia pensar no ciclo interminável de mortes e vinganças presente na *Oréstia*, de Ésquilo, ciclo este que, para ser encerrado, envolve uma extirpação do mal em sua origem. Em *MEDEA VOZES*, Medeia busca extirpar este mal original e sofre as consequências nefastas deste ato. Assim, *MEDEA VOZES* parecia mostrar profundas conexões com a nossa realidade. E, parafraseando o comentário de Fábio Prikladnicki, parecia-me que uma determinada forma de poder estava agora acabando com a ideia de uma sociedade mais justa e participativa.

10/02/2014, às 15:20

<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/a-morte-de-santiago-andrade-o-pais-marcou-um-encontro-com-a-tragedia/>

A morte de Santiago Andrade: o país marcou um encontro com a tragédia

Santiago Andrade, o cinegrafista da Band, teve morte cerebral. Desde junho, o Brasil tinha um encontro marcado com a tragédia. Era uma questão de tempo. E outras acontecerão desde que se repitam os mesmos procedimentos. Quem são os culpados? Obviamente, devem responder por essa morte aqueles que acenderam o morteiro. Mas, se querem saber, é preciso ampliar o leque de culpas. Também nesse caso, mais do que o alarido dos maus, o que constrange é o silêncio dos bons — ou suas palavras e gestos irresponsáveis. Todos aqueles que assistiram de boca fechada à progressiva violência das manifestações; todos aqueles que passaram a considerar a depredação, o quebra-quebra e o confronto como liberdade de manifestação; todos aqueles que se negaram a reconhecer o caráter congenitamente autoritário desses ditos “protestos”, todos esses têm sua parcela de culpa.(...) Ainda assim, por temor da patrulha nas redes sociais, ocupadas por esses milicianos, sempre fizeram uma cobertura favorável aos protestos e hostil à polícia — que, na esmagadora maioria das vezes, apenas reagiu à violência, não a promoveu.

- Re: dúvida...

oi nós aqui traveiz

18/10/2013

Para: gilson moraes Motta

Uma boa apresentação para ti! Imagino que no Rio as pessoas sintam urgência em falar sobre as coisas que acontecem aqui e agora e como podemos fazer uma ponte com nosso fazer artístico. abraço!

Em 17 de outubro de 2013,

<mottagilson@hotmail.com> escreveu:

obrigado, marta! amanhã eu farei a apresentação, mas pelo clima de hoje (muita discussão sobre os fatos políticos da atualidade), acho que o foco da discussão será menos o espetáculo e mais as questões políticas... vamos ver. obrigado! beijo

From: martitahaas@gmail.com

Date: Tue, 15 Oct 2013

Subject: Re: fotos: medea vozes

To: mottagilson@hotmail.com

Olá,

que legal Gilson! Estou mandando as fotos nos próximos e-mails. Foi muito bacana contar com a tua presença no seminário em Porto Alegre.

abraço da Tribo!!!

Recebi muitas fotos. Há muitas cenas impressionantes ao longo de mais de três horas de espetáculo. Se, desde o início, os quadros me deixavam comovidos pela beleza da composição, a dinâmica do espetáculo – com os espectadores se deslocando junto com a cena em ambientes que vão se transformando ao longo da encenação, num perfeito aproveitamento do espaço cênico – me sugeria um modo diferenciado da relação público-ator. Em muitas cenas, os espectadores podiam observar uma mesma cena de ângulos diferentes, explorando a proximidade\distância com os atores e a proximidade\distância dos demais espectadores. É o caso, por exemplo, da sequência de cenas que conduz à impactante cena de Medeia\Meinhof, sequência em que passamos da proximidade\contato para a separação radical, visto que Medeia\Meinhof é vista numa sala ao alto, clara, fechada com vidros, distante de todos. A cena desperta um forte sentimento de impotência e de horror frente ao destino da personagem. A encenação era uma espacialização plena, pois as cenas situavam-se ora num plano mais alto, ora mais baixo do que o espectador; os espectadores podiam também se situar em volta de algumas cenas ou em frente a elas; em determinados momentos, as cenas eram dispostas em corredores. Por vezes, os espectadores se agrupavam em espaços estreitos e, de modo solidário, tinham que ajustar seus corpos para permitir que os outros espectadores pudessem ver as cenas. Em outros momentos, os espectadores pareciam ser ameaçados pelos atores para, momentos depois, serem acolhidos carinhosamente, como na cena em que os atores distribuem alimentos para o público. Nota-se, portanto, que a cada momento, o espectador sente reforçar a consciência do seu corpo sensorial e perceptivo enquanto corpo criador, isto é, o estado estético era constantemente estimulado pela dinâmica da encenação. Embora interessantes, as fotos enviadas não nos deixavam apreender este caráter radical da encenação, na qual, para além da interação ou da “participação” do espectador, nos deparamos com uma cena que provoca os sentidos e que estimula o corpo. Desta forma, agradeço a Marta pelas fotos. Eram muito bonitas e foram o ponto de partida para minha palestra no I Encontro Latino Americano de Teatro. Mas, entre a intensa experiência cênica vivida e a descrição das imagens para uma plateia que não conhecia o espetáculo, havia um abismo.

Em 15 de outubro de 2013,
<mottagilson@hotmail.com> escreveu:

Olá, Marta!

Tudo bem? Fui convidado - às pressas - para substituir uma pessoa num seminário sobre cena brasileira contemporânea e, ao pensar sobre o que dizer, pensei em falar um pouco sobre o espetáculo MEDEA VOZES. O encontro reúne pessoas de outros países e tem uma tônica política (pelo que entendi), já que envolve discussões sobre Augusto Boal. Então, eu achei que seria uma boa oportunidade para fazer uma reflexão sobre a produção fora do eixo Rio-São Paulo, pensando no que vi aí. Para tanto, eu precisaria de umas fotos do espetáculo... Vocês poderiam me enviar? Agradeço desde já e gostaria - mais uma vez - de lembrar que minha estada com vocês foi

muito agradável. Falar sobre o trabalho de vocês será um prazer!
Segue a programação do Encontro, ok?
Um abraço em todos!

Após ter participado do Seminário e de ter assistido MEDEA VOZES, fui convidado para participar do I ENCONTRO LATINO AMERICANO DE TEATRO DA UFRJ na Faculdade de Letras da UFRJ. Organizado por Cecília Boal, o evento agregava atores culturais interessados em discussões envolvendo arte, política e sociedade. Aproveitei a ocasião para falar sobre o MEDEA VOZES, por considerar que, sendo uma releitura de um mito trágico, o espetáculo possuía um sentido político evidente, mas também por julgar que, assim como eu, muitos dos participantes do evento – centrados nos problemas da cultura produzida no eixo Rio-São Paulo – podiam ter um conhecimento superficial sobre o movimento teatral de outros centros culturais. E, em minha opinião, conhecer o trabalho do OI NÓIS propiciava ao público uma reflexão sobre o sentido político da arte.

Mas, é importante lembrar que, inevitavelmente, no ambiente do Encontro havia uma grande ansiedade por uma discussão sobre arte e política, em função das diversas manifestações públicas que vinham ocorrendo no Brasil desde junho de 2013. No momento em que toda a sociedade se mobilizava para questionar a representatividade política, a esfera dos direitos, a administração dos bens públicos, o poder das manifestações populares, a reação dos políticos e da polícia diante dos protestos, entre outras questões, nada mais natural do que a pergunta sobre o papel do artista e da arte neste contexto. E, de fato, num dos dias do Encontro, houve uma discussão acirrada em torno de questões como o acesso à cultura e a busca de modos de ação mais eficazes para a transformação de um panorama cultural marcado pelo domínio de uma produção artística menos relacionada às questões políticas e sociais, do que ao êxito comercial. Isto é, diferente dos encontros tradicionais, onde o discurso é polarizado, de modo que alguém fala e outros escutam, aqui neste Encontro, vi uma plateia envolvida numa discussão fundamental. Este espaço de discussão é o que constitui, em sua essência, o espaço político. Assim, entre uma discussão e outra, podíamos assistir a alguns vídeos sobre as práticas artísticas e culturas realizadas a partir dos princípios do Teatro do Oprimido, práticas nas quais este espaço político aparece como elemento estrutural. Deste modo, fazendo a referida ponte citada por Martha, parecia-me que MEDEA VOZES vinha apresentar uma proposta concreta de conexão entre as aspirações artísticas individuais dos integrantes do grupo e uma visão profunda acerca das relações entre arte, sociedade e política.

Durante minha estada com a Tribo, foi possível perceber uma unidade entre pensamento estético e ação política. Lembro-me de que, no Seminário, os integrantes da plateia perguntavam aos membros do grupo sobre a questão da autoria, isto é, sobre quem dá a decisão final num processo de trabalho

essencialmente coletivo. Os membros do grupo esclareceram que este espaço de decisão é igualmente coletivo, passando por um intenso processo de discussão. Observava-se assim a confluência do espaço político e do espaço de criação artística, num modo de produção que, conforme me falou Paulo Flores, não havia “trabalho alienado”: todos os integrantes participavam da construção do espetáculo. Dito de outro modo, MEDEA VOZES constituía-se num modelo exemplar de uma reflexão sobre o “espaço da tragédia”. O e-mail a seguir fala justamente do espaço, pois, no Encontro Latino Americano de Teatro, iniciei minha fala descrevendo o espaço da Terreira da Tribo.

From: martitahaas@gmail.com

Date: Thu, 17 Oct 2013

Subject: Re: dúvida...

To: mottagilson@hotmail.com

Olá Gilson,

antes de irmos para o espaço da Terreira tinha uma gráfica ali. O espaço deve ter tido outras atividades, mas não saberia especificar. Dá para dizer que é um bairro de subúrbio, ele é conhecido principalmente por ser uma zona industrial (o que chamam em Porto Alegre de 4º Distrito), por isso o movimento pelas ruas cessa à noite. Realmente por aquela região não tem atividades culturais e o nosso espaço foi adaptado. É também próximo de uma região de prostituição da cidade. Espero ter ajudado...

Desde o início do século XX, muitos encenadores, teóricos do teatro e cenógrafos buscaram repensar o espaço do teatro, considerando que a caixa cênica à italiana era fruto de uma sociedade já ultrapassada. As pesquisas sobre o espaço cênico desenvolvidas ao longo do século XX mostram formas extremamente criativas de se reinventar a relação cena-sala e o próprio edifício teatral. Todos se lembram dos textos de Antonin Artaud sobre a necessidade de se buscar espaços alternativos, como fábricas, celeiros, galpões, espaços abandonados, entre outros, como forma de repotencializar o teatro, reaproximando-o do espectador e provocando neste uma atitude mais participativa em relação ao espetáculo. O espectador deveria estar envolvido e atravessado pela ação. Estas propostas de Artaud se concretizaram ao longo das décadas, de modo que atualmente, a dimensão da interação é constitutiva de muitos espetáculos. O espectador é assumido como cocriador da obra em muitas das criações cênicas atuais. A Terreira da Tribo é um desses espaços apropriados. Como vimos, por se tratar de uma região urbana carente de atividades culturais, a afirmação deste espaço como equipamento cultural envolve uma atitude política de criação de formas de sociabilidade e de convívio, mas, sobretudo, de resistência cultural, numa cidade que, como a maioria dos grandes centros urbanos brasileiros, é marcado pelo desenvolvimento desigual

em função da divisão econômica, social e cultural. Neste sentido, é interessante notar que, na ocasião em que proferia a palestra no Seminário do OI NÓIS, pude perceber como o comentário dos participantes tendia justamente a valorizar o fato de estarmos no espaço da Terreira, discutindo teatro, tragédia e cultura. Em *O teatro pós-dramático*, Hans-Thies Lehmann nos fala sobre os “espaços de exceção”, isto é, dos grupos que, assumindo a distância do teatro em relação ao cotidiano, apropriam-se de espaços e criam neles uma comunidade teatral na qual o teatro se afirma como uma situação de exceção, onde impera outro tempo, outro espaço, outra comunidade. São espaços utópicos, tal como a Terreira. Mais precisamente, ela configurava uma heterotopia, uma utopia realizada, e, como tal, um espaço de esperança, na medida em que se configura como um espaço de transformação das relações de trabalho e de convivência. Enfim, éramos “hóspedes da utopia”. A partir daí, pergunto: como este espaço constrói a experiência do trágico em MEDEA VOZES?

O Grupo

Tribo de Atuadores OI NOIS AQUI TRAVEIZ, em Cavalo Louco, nº 13, ano 08, 2013.

O mito [de Medeia] é questionado e reelaborado de maneira original, para tentar analisar o fundamento das ordens de poder e como estas se mantêm ou se destroem. Culturas que entram em crise excluem pessoas e convertem-nas em vítimas expiatórias. Na cultura ocidental é típica a marginalização do Reestranho\estrangeiro e do feminino. Por isso, é rechaçada a estremecedora visão de Medeia que nos tem chegado através da história como assassina de deus próprios filhos, ciumenta e bruxa. A Medeia pacifista do Oi Nóis Aqui Traveiz demonstra a inutilidade de todo processo bélico.

Aquilo que funda a utopia é a insatisfação diante de uma ordem dada. A utopia é uma resposta irônica a um mundo dilacerado pela injustiça. As manifestações de junho se inserem neste movimento utópico que visa transformar a sociedade. Diferentemente de um dos sentidos tradicionais do trágico que vê neste um “conflito insolúvel”, a utopia é antitrágica, pois configura um pensamento da esperança. Por buscarem uma nova ordem, em substituição a uma estrutura corrompida, os milhares de ativistas que foram às ruas, associam-se ao que denominaríamos de forças do caos. Numa sociedade em que a mídia é essencialmente conservadora e onde inexiste a plena liberdade de expressão, este valor positivo de toda a ação revolucionária é rapidamente convertido em força destrutiva, maléfica. Trata-se do processo de criminalização dos movimentos sociais, o qual é acompanhado por uma reação violenta das forças que defendem a ordem estabelecida. O gesto libertário se transforma em gesto autoritário, conforme afirma Reinaldo Azevedo. Os meios que as forças de conservação utilizam-se para desestabilizar as forças criadoras ou caóticas são, sempre, os mais perversos: agentes infiltrados, beligerância, assassinatos,

manipulação de informações, perseguição, o financiamento de ações terroristas, a criação de vítimas expiatórias, entre outras.

Eu me perguntava sobre a relação entre MEDEA VOZES e a nossa realidade social e política e, cada vez mais, percebo incríveis conexões entre vida e arte. É este processo de marginalização e criminalização que vemos se operar no espetáculo MEDEA VOZES, pois a personagem é uma vítima das forças conservadoras, que fazem manobras políticas para criminalizá-la, construindo um “mito” dotado de valor negativo. Esta Medeia ativista e pacifista associa-se a diversas vozes revolucionárias e, como elas, partilha da possibilidade do fracasso, da exclusão, do silêncio e da solidão. Uma das interpretações tradicionais do trágico caracteriza-o como o movimento da queda do herói, queda que pode ser compreendida como uma ruptura da força, isto é, uma desmobilização da capacidade de agir. A infelicidade de Medeia é visível, de modo crescente a cada momento do espetáculo, até se chegar à cena final, onde a personagem deixa o espaço da Terreira e perambula pelas ruas do bairro. Como espectadores, deixamos de habitar a utopia e somos trazidos de volta à realidade. O espaço mágico, simultaneamente potente e frágil que constitui o próprio espaço do teatro de dissipa. Somos reconduzidos às ruas onde outras utopias estavam sendo sonhadas. Somos reconduzidos ao mundo da desesperança, ao espaço inóspito.

Penso assim que em MEDEA VOZES o espaço da tragédia era construído na tensão entre a potência corporal que era gerada no espectador a cada momento do espetáculo e a crescente desmobilização desta força, dada justamente por nossa identificação com a personagem Medeia, magistralmente vivido por Tania Farias. Aqui, o espaço fictício ou imaginário – o mito de Medeia desconstruído – joga com o espaço real, o espaço corpóreo que vivencia sua própria potência criativa. Assim, a tensão original que marca a catarse aristotélica – a cisão no sujeito dada pela fusão das emoções do terror e da compaixão – era aqui recriada num confronto entre força\fraqueza ou potência\impotência. Parecendo resgatar a concepção de catarse, em *O nascimento da tragédia*, o jovem Nietzsche afirmava que a essência da tragédia é o sentimento de contradição. MEDEA VOZES encena esta contradição. É importante lembrar que, em sua origem, a experiência trágica é essencialmente espacial: o trágico se constrói na tensão entre as diversas vozes que ocupam os espaços da orquestra, da *skene* e da própria *skene* em suas partes. Em MEDEA VOZES dá-se uma recriação deste espaço conflituoso. E, de forma brilhante, o espetáculo nos remete, em sua cena final, para o espaço político por excelência. Este espaço é também o mundo onde uma ideia de civilização participativa, politicamente ativa e de sociedade mais justa e igualitária parece estar em vias de se extinguir, devido à “tragédia anunciada” operada por forças extremamente poderosas que, com a mais alta tecnologia e a mais alta brutalidade, negam o espaço político do debate e da discussão.

*** **

Em *Fragmentos troianos*, Antunes Filho mostra-nos que a história do mundo ocidental é fundada na violência e na guerra. Após uma série de acontecimentos funestos, na cena final, o diretor coloca em cena bonecos que são conduzidos pelos atores numa dança macabra. A trilha sonora que acompanha esta cena dá o tom da ironia trágica: trata-se de uma canção que celebra o Ano Novo. E retornamos assim ao mesmo ciclo. A esperança sempre retorna. Apesar de tudo. E, nesse retorno, pensamos como o impotente teatro pode ser ainda uma arte marcial. Essa é nossa contradição.